

A reunião da Associação Commercial — Antonio Centeno



Na reunião convocada pela Associação Commercial de Lisboa, na segunda feira última, coube a Antonio Centeno, o interprete, com uma voz tão energética quanto patriótica, o sentimento geral de revindicta, OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE, contra a caverna de ladrões da Gran-Bretanha. O seu discurso foi tanto mais fogoso em protestos, quanto mais vivamente contristava com o do sr. conde de Burnay, que aconselhou continuarmos com os malandros d'Alem Mancha, as antigas relações commerciaes. Bem se viu que era um estrangeiro quem fallava, e só por deferencia a assembléa accederia a escutar tão brandas fallas, por traz de cuja bonhomia devem mexer astucias reconditas. Hum! esse sr. conde de Burnay que nos aconselha esse acto de villania, é o mesmo que procurava distrahir as attensões do povo, com bandos preicatorios e comedellas de broches principescos. Já lhe provaram os jornaes (o do sr. Marianno de Carvalho mais que nenhum) que é facil e rapida a deslocação do commercio portuguez para outros pontos, e elle prosegue! Hemos d'esquadrinhar até que ponto ha, n'esta obsessão do sr. conde, desinteresse e sinceridade. E se fôr preciso, apontemol-o!



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

AO POVO!

Em meio da grita que por toda a banda se ergue a favor da nossa emancipação commercial, e da Guerra Santa que meia duzia d'apostolos vem pregando, em evangelhos d'odio, sem fadiga nem treguas, contra a infamissima Britannia, (ilha de crime e vicio, feita da petrefacção d'um vomito, e isolada no meio das aguas, pelo genio do asco, para ergastulo dos descendentes de Caím) cumpre indagar da collaboracão que põem n'esta patriótica cruzada, filha primogenita do povo e da classe estudiosa, os individuos que por sua fortuna ou jerarchia, maior impulso poderiam dar-lhe. Cumpre liquidar em termos lapidares, se o rei acompanha o paiz n'estes empenhos, se os *parvenus* que o rodeiam, decidiram de vèz sequestrar-se das preoccupações anglo-manas que os empestam, e se os ministros afinal comprehenderam que nenhum de nós está resolvido a tolerar politica d'entre-portas, sem nobreza, sem enthusiasmo, sem caracter, d'essa que se resolve a contemporisar com tudo, embora usando o expediente de andar de rastros; da embaixada ingleza para o Paço de Belem, a pedir aos inglezes que não deixem cair a monarchia, e a monarchia, procure amollecêr o espirito publico, pelas esmolas de vinte libras a uns presuppuestos famintos, ensaiados á pressa para a estreita d'uma rainha no já conhecido papel de Santa Amélia dos Broches, ou de Nossa Senhora das cautellas de prego. De duas, uma, entendamo-n'os. Ou as alias classes estão com o grosso da nação; ou esta se resolverá um dia a pedir-lhes severas contas da apathia ou da acquiescencia com que pareceram dar razão aos estrangeiros que nos caluniam de macacos, d'asravos e de vilões! Sabe-se que muitos grandes industriaes e financeiros rasgaram para sempre os seus contractos com os centros fabrís da Gran-Bretanha!

Sabe-se que não ha hoje nenhum commerciante a retalho, que não esteja disposto a banir os productos inglezes dos seus raios d'estante e dos seus balcões! Sabe-se que o povo faria o sacrificio de, pelo menos nos primeiros mezes, comprar mais caros os productos de primeira instancia, sob a condição de que elles não trouxessem a marca dos miseraveis que encheram d'infamia a nobilissima tradição de Portugal!—Só até'gora se não vê bem na attitude das chamadas classes governantes, a alta finança, a alta diplomacia, a camarilha e a corôa, a quem nenhum de nós tem direito de pedir demonstrações d'enthusiasmo irreflectido, é certo, mas que era já tempo mostrassem estar dispostas a solidificar este inicio de resurreição patria, com o elemento d'odio calculado, de plano systematico e sabio, capazes de transformar tantos e tão heroicos esforços dispersos, n'uma obra immorredoura de revindicta, não já mirando então exclusivamente a guerra ao inglez, senão revertendo tambem em origens de regeneração politica e commercial, de que tanto carecemos.

Porque a verdade é esta. O grande commercio até hoje, cala-se. Os homens d'empréstimos, que aos favores do paiz devem fortuna e predominio, emquanto por um lado procuram ferir a emotividade publica com pantomimas phillantropicas, e quintos actos de rainhas que se despojam de joias para pagar uma bucha de pão aos *va-nu-pieds*, contrariam por outro as effervescencias dos seus irmãos do capitalismo, negando a efficacia da guerra commercial á Inglaterra, e lançando um frio proposital nas assembleias, onde a sua adhesão equivaleria quasi á certeza d'um triumpho. E' indispensavel sabamos entre que bastidores de conluio britannico, e de patriotismo ficticio, procuram manter-se hypocritamente esses nababos, que nem ao menos querem jogar á popularidade, n'um emprehendimento onde todos nós estamos prestes a jogar a camisa e a existencia. E' indispensavel que a corôa se não mantenha simplesmente no platonismo de recusar jarreteiras a paizes que nem sequer lh'as offereceram ajuda, e comprehenda que é infame illudir o povo com balellas de caridade, ao passo que trata de negociar com a-bebada da tia Victoria, a corôa que o mesmo povo hade arrancar-lhe, caso venha a provar-se uma traição.

Não nos deixemos comer pelo velho auto symbolico da miseria de Lisboa restituída á posse das suas roupas empenhadas, pela delicadeza d'alma d'um Barnhum que veste as senhoras da corte d'azul e branco, como umas virgens de cyrio, e se propõe vir com ellas para a rua, recoltar o vintem dos *baudauds*, e fornecer aos telegrammas da agencia Havas, assumpto em barda com que nos expôr lá fóra, ás gargalhadas europeas. Isto que todos andamos a fazer ha oito dias, não é, não deve ser, NÃO HA-DE SER! como o *Times* affirma, um accesso febril de gentes sem criterio, nem tenacidade no esforço, nem firmeza na honra, nem sentimentos de brio e autonomia! Ha-de ser mais do que a obsessão de duas semanas, ha-de ser mais do que o delirio fugaz d'um nevropathia que se embebedou co'n a ideia da vingança, custe o que custar, seja onde fór nos leve a excitação—porque viver assim não é viver, e ou agora ou nunca, cumpre sahir da cachexia a que nos reduziram os negociantes d'opio, entre cujas mãos temos depositado as redeas da nação. Repetir estas juras de ouvido a ouvido, de jornal a jornal, de praça em praça, d'aldeia em aldeia, eis o dever de todos os que nasceram n'este adorado canto de terra, cuja exaustão é apenas um desanimo d'instantes, um resultado da ignominia dos chefes, um acto reflexo da corruptella ou da idiotia dos estadistas, sobre a multidão avulsa—estado de passagem, que se attenua de certo, e desaparece, se nos dispozermos a revolver com ancia as populações, té bem ao fundo, fabricas e herdades, escolas e regimentos, escumando emfim a raça portugueza das escorias que por lhe estarem ao de cima, nos teem dado até hoje a illusão de classes superiores.

D'este grande movimento espiral que ora começa, e — que urge continuar com desesperada energia, a bem da patria, hade saber — Deus o permita! — a condemnação d'alguns que nos teem aberto as veias, por pura diversão de despotas cynicos, e a infamia de outros, que podendo ter sustado a tempo a nossa ruina, preferiram antes rebater os redemptores ideaes da sua vida pura, por esportulas politicas, deshonestas, e trocar a nobreza de obreiros e pensadores, pela curriqueira vangloria d'aulicos e conselheiros d'um chefe d'estado aceplido e transitorio. E' possivel que a perturbação social seja profunda, e haja martyres e sangue na via de redempção que procuramos! E' possivel que o futuro nos reserve provações inconfessaveis, e grandes noites d'abysmo, por entre cujos vulcões haja d'esgarçar-se e perder-se, isto que se convencionou chamar-se a nossa pobre nacionalidade! Muito embora! O futuro é dos fortes, e antes collaboradores de nossos irmãos, do que escravos dos nossos tyrannos e usurpadores. Cumpria lutar até á ultima, por que seguisse autonomo e integro, tempo em fora, o país que ha oitocentos annos afixa um nome na carta dos estados europeus. Se porém nada for possivel n'este intento, fechem-se os olhos, e engolphemo-nos ás cegas, acceitando papel — hegemónico talvez! — na federação que leve a Peninsula á cathegoria d'uma primeira potencia. Isto nos rehabilitará de todas as injurias da raça loira, que ha tres seculos nos despresou como a populaçao de seres inferiores, mercê de Gibraltar que infama a Hespanha, e da India e d'África que serão eternamente a espição de Portugal.

Ah, façamos tudo, tentemos tudo, arruinemos ou salvemos tudo, fortuna e vidas, tradiçoes e autonomia, mas acabe por Deus esta tremenda agonia que nos afoga em lama até á bocca, sem nos deixar sequer a suprema consolação d'uma lucta de lobos contra cães!

LUKAS

Nos bastidores da Caridade



— Uma vasante, uma perdiz — um fiasco
BARNUM — Pois que quer que eu faça?! não se pode ser bom empresario com maus artistas.

Expediente

A affluencia de materias nos força a retirar grande numero de desenhos d'actualidade, e uma vez ainda, a pagina allusiva ás Caldas da Rainha, que irá na primeira occasião.

OS NOVOS MINISTROS



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Como os patinadores no *Propheta* (em S. Carlos) vão de CARANHO, ainda não começaram a andar e já começaram a cahir.

Os de S. Carlos são melhores, e o Moraes também.

Malogro d'um prestito, de roda d'um broche

0
Rei
disse
à
Rainha



e
a
Rainha
disse
ao
Rei
que:
NÃO.
!!!!!!

a
Rainha
disse
ao
Burnay



e
este
disse
à
Rainha

O Burnay
disse a um
grupo de
senhoras.



Que ao
Burnay
disseram,

Que disseram
ao Alberto
Braga,



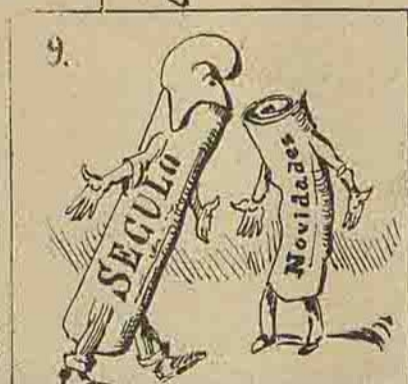
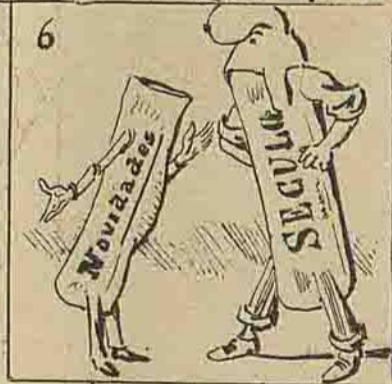
Que o metheu
d'um
grupo de
senhoras,

Que disse ao
Collen, que o
escreveu nas
"Novidades"



Que foram
dizer ao
Alberto Braga

Vae, as Novidades
dissaram ao
"Seculo"



E o Seculo o
traduziu em lingua
cultã ás
"Novidades"

Que o foi
dizer
ao
"Le Lovinho"



O qual
percebendo a coisa,
segredou ao
"Seculo", o
quer que fosse.

As façanhas de lord Salisbury



... Lord Salisbury pediu também ao seu amigo o general Wolseley, que lhe pozesse em cima d'uma cadeira o derreado diplomata, para vê a figura, que assim fazia; mas quando foi a procurar o valente guerreiro não o achou. Tinha-se encafuado debaixo da meza, com medo do estrepito. Os coraçados também não estavam á mão; estavam em Chypre, no Egypto, na Zambezia. Por estes respeitáveis motivos, lord Salisbury houve por bem endireitar os quadrizes, lá como pôde, e enviou ao governo dos Estados-Unidos este ultimatum fulminante:

Muito bem, muito obrigado!

(As Novidades, de 18 de janeiro.)



... Os pobres egypcios, poucos, mal armados e peor instruidos, foram desbaratados na famosa batalha de Tell-el-Kibir, pela qual o general Wolseley foi coberto de honras e de dinheiro. Ora succedeu que passado algum tempo o principe Frederico Carlos, o mais celebre general da Alemanha depois de Moltke, foi visitar o Egypto. Perguntaram-lhe no Cairo, se queria visitar o campo de batalha de Tell-el-Kibir, assim como se visita o campo de batalha de Waterloo, ou de Sédan. O principe, que era um soldadão, respondeu seccamente: não gosto de caricaturas! E não foi.

Consta que lord Salisbury, informado do caso, pedira ao seu Wolseley, que d'essa vez se pozesse elle proprio em cima da cadeira, para ver a figura, que fazia. Estava com umas trombas, como as d'um elephante!...

(As Novidades, de 18 de janeiro.)

Plain english



PLAIN ENGLISH!

JOHN BULL. "LOOK HERE, MY LITTLE FRIEND, I DON'T WANT TO HURT YOUR LITTLE FEELINGS.—
BUT, COME OFF THAT FLAG!"

E' escusado dizer que este desenho é do PUNCH.
O marujo está dizendo ao energumeno, que lhe espreita por cima do estandarte :

— Tome cuidado, amiguinho; guarda ou aliena as tuas liberdades, mas faze-me o favor de te tirares de cima da bandeira.



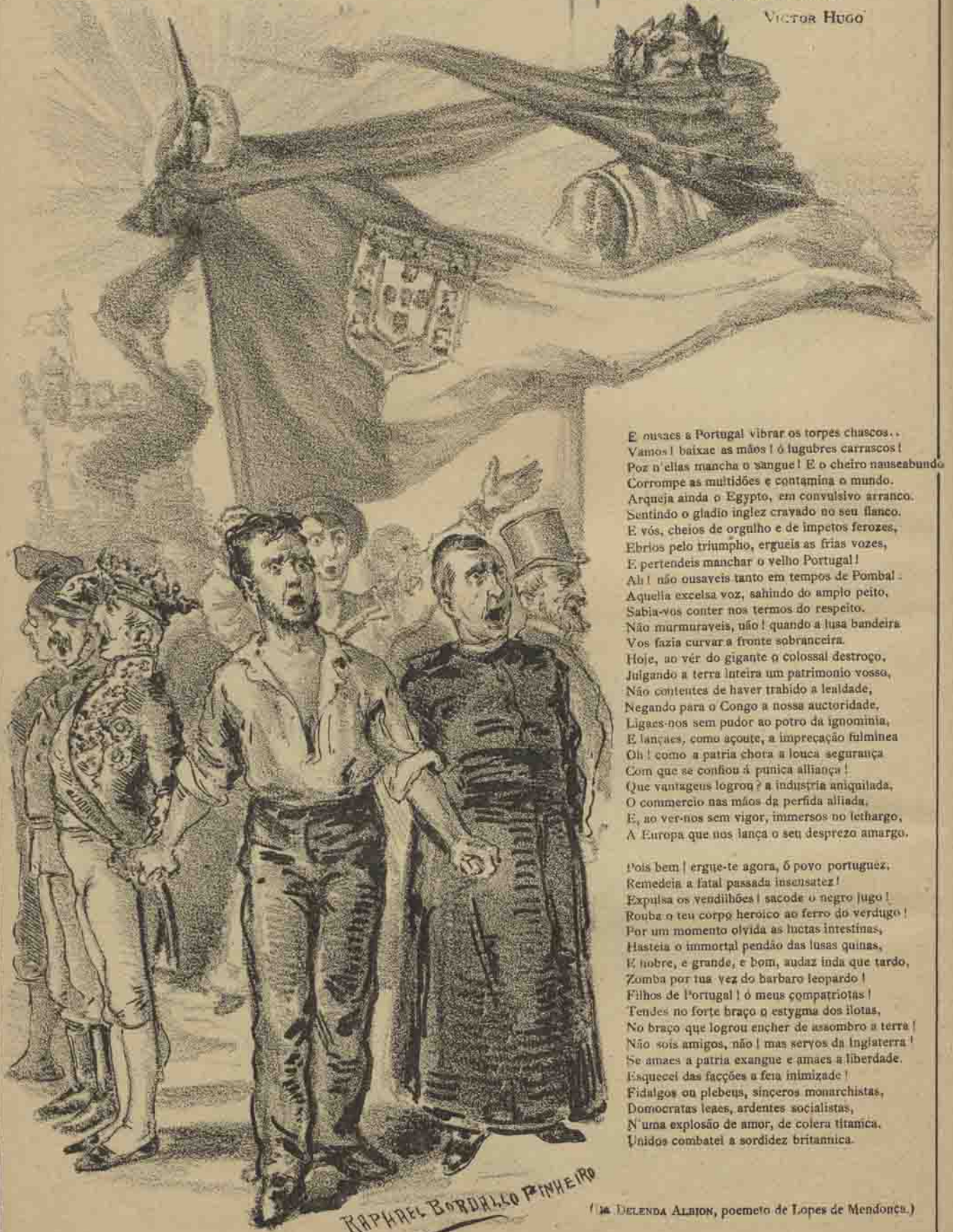
Tambem David era pequeno, e com uma simples pedrinha, fez desabar Golias, o gigante.

5,4

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Não ha pequenos povos
Ha pequenos homens.

VICTOR HUGO



E ousaes a Portugal vibrar os torpes chuscos...
Vamos! baixae as mãos! ó lugubres carrascos!
Por n'ellas mancha o sangue! E o cheiro nauseabundo
Corrompe as multidões e contamina o mundo.
Arqueja ainda o Egypto, em convulsivo arranco.
Sentindo o gladio inglez cravado no seu flanco.
E vós, cheios de orgulho e de impetos ferozes,
Ebrios pelo triumpho, ergueis as frias vozes,
E pertendeis manchar o velho Portugal!
Ah! não ousaveis tanto em tempos de Pombal:
Aquella excelsa voz, sahindo do amplo peito,
Sabia-vos conter nos termos do respeito.
Não murmuraveis, não! quando a lusa bandeira
Vos fazia curvar a fronte sobranceira.
Hoje, ao vér do gigante o colossal destroço,
Julgando a terra inteira um patrimonio vosso,
Não contentes de haver trahido a lealdade,
Negando para o Congo a nossa auctoridade,
Ligae-nos sem pudor ao potro da ignominia,
E lançaes, como açoute, a imprecação fulminea
Oh! como a patria chora a louca segurança
Com que se confiou á púnica alliança!
Que vantagens logrou? a industria aniquilada,
O commercio nas mãos da perfida aliada,
E, ao ver-nos sem vigor, immersos no lethargo,
A Europa que nos lança o seu desprezo amargo.

Pois bem! ergue-te agora, ó povo portuguez.
Remedeia a fatal passada insensatez!
Expulsa os vendilhões! sacode o negro jugo!
Rouba o teu corpo heroico ao ferro do verdugo!
Por um momento olvida as luctas intestinas,
Hasteia o immortal pendão das lusas quinas,
E hobre, e grande, e bom, audaz inda que tardo,
Zomba por tua vez do barbaro leopardo!
Filhos de Portugal! ó meus compatriotas!
Tendes no forte braço o estygma dos ilotas,
No braço que logrou encher de assombro a terra!
Não sois amigos, não! mas seryos da Inglaterra!
Se amaes a patria exangue e amaes a liberdade.
Esquecei das facções a feia inimidade!
Fidalgos ou plebeus, sinceros monarchistas,
Democratas leaes, ardentes socialistas,
N'uma explosão de amor, de colera titanica.
Unidos combatei a sordidez britannica.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

(De LENDA ALBION, poemeto de Lopes de Mendonça.)